

PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS DE COMUNIDADES AFRO-ASSENTADAS: EXPERIÊNCIAS DE JORNALISMO NEGRO AQUILOMBADO EM PERNAMBUCO (1988-1994)

Aíla Omowale¹

Diego Amaral

RESUMO:

O presente trabalho pretende discutir as noções de quilombamento e assentamento como possíveis dispositivos de análise do jornalismo negro no Brasil. Partindo dos conceitos afrodiaspóricos de quilombismo (Nascimento, 1985), encruzilhada (Martins, 1995, 2003; Rufino, 2017; Lima, 2022, 2023) e do debate sobre filosofia afro-centrada em Sodré (2017), o artigo analisa quatro jornais negros de Pernambuco (Angola, Djumbay, Negra o e Negritude) entre os anos de 1988 e 1994. A etapa de análise se orienta por dois vetores principais: por um lado, discutimos a importância dos vínculos dos jornais com outros atores da cultura negra, como terreiros de candomblé e movimento negro; em segundo plano, e igualmente importante, discutimos como as pautas ligadas   política, ao pensamento e   sociabilidade afro-diaspórica no Brasil se manifestam nesses jornais.

Palavras-chave: Imprensa Negra. Jornalismo Negro. Quilombismo. Encruzilhada. Cultura afro-brasileira.

JOURNALISTIC PRODUCTIONS FROM AFRO-ASSENTADAS COMMUNITIES: EXPERIENCES OF BLACK AQUILOMBADO JOURNALISM IN PERNAMBUCO (1988-1994)

ABSTRACT:

The paper discusses the notion of quilombamento (quilombist practice) as a theoretical apparatus for the analysis of black journalism in Brazil. Based on Afro-diasporic notions such as quilombismo (Nascimento, 1985), encruzilhada (Martins, 1995, 2003; Rufino, 2017; Lima, 2022, 2023), and the debate on Afro-centric philosophy in Sodr  (2017), the article analyses four black newspapers from Pernambuco (Angola, Djumbay, Negra o, and Negritude) between 1988 and 1994. The analysis is organized under a double axis: on the one hand, we discuss the importance of the newspapers' links with other actors in black culture, such as candomblé terreiros and the black movement; on the other

¹ 1 A la Cristhie Cardoso

Mestranda em Comunica o (PPGCOM/UFS). Jornalista e bolsista Capes. Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão. Sergipe. Brasil. crischieaila@gmail.com

² 2 Diego Amaral

Professor visitante do Programa de Pós-gradua o em Comunica o da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS). Doutor em comunica o pela Universidade Federal Fluminense e Estudos do Sul Global pela Universidade de Tübingen. Membro do Laboratório de Análise de Visualidades, Narrativas e Tecnologia (LAVINT). diegoamaral000@gmail.com

hand, and equally importantly, we discuss how agendas linked to politics, thought, and Afro-diasporic sociability in Brazil are manifested in these newspapers.

Keywords: Black Press. Journalism. Quilombismo. Encruzilhada. Afro-Brazilian Culture.

PRODUCCIONES PERIODÍSTICAS DE COMUNIDADES AFRO-ASSENTADAS: EXPERIENCIAS DE PERIODISMO AQUILOMBADO NEGRO EN PERNAMBUCO (1988-1994)

RESUMEN:

Este trabajo tiene como objetivo discutir la noción de quilombamento como posible dispositivo de análisis del periodismo negro en Brasil. A partir de los conceptos afrodiaspóricos de quilombismo (Nascimento, 1985), encruzilhada (Martins, 1995, 2003; Rufino, 2017; Lima, 2022, 2023) y del debate sobre la filosofía afrocentrada en Sodré (2017), el artículo analiza cuatro periódicos negros de Pernambuco (Angola, Djumbay, Negração y Negritude) entre 1988 y 1994. El análisis se organiza en torno a dos ejes principales: por un lado, se discute la importancia de los vínculos de los periódicos con otros actores de la cultura negra, como los terreiros de candomblé y el movimiento negro; por otro lado, e igualmente importante, se discute cómo se manifiestan en estos periódicos las agendas vinculadas a la política, el pensamiento y la sociabilidad afrodiaspórica en Brasil.

Palabras clave: Prensa. Periodismo. Quilombismo. Encruzilhada. Cultura Afrobrasileña.

INTRODUÇÃO

O ano de 1988 é um marco histórico para a política brasileira. Além da promulgação de uma constituição democrática, a data representa um marco na participação de grupos minoritários na política institucional. No ano, o país celebrava também o centenário da abolição da escravatura, uma efeméride que, até o presente, serve como indicador do fracasso do país no que diz respeito às políticas de inclusão e equidade racial.

Tendo 1988 como ponto de partida, este trabalho se debruçará sobre as produções de jornais que se situam no amplo campo do jornalismo negro. Para fins deste artigo, o jornalismo negro é entendido não apenas como aquele produzido por pessoas negras, mas também o jornalismo que se orienta por práticas, valores e modos de pensar “assentados” (Sodré, 2017) em territórios afro-diaspóricos. Nesse sentido, o recorte escolhido para análise contempla quatro jornais, todos situados no estado de Pernambuco no período pós- redemocratização.

O recorte geográfico é motivado pelo fato de o estado de Pernambuco ter sido um dos principais pólos de migração forçada de pessoas oriundas do continente africano durante a colonização. Estima-se que cerca de 900 mil africanos foram levados para aquela região através

do tráfico Atlântico. De acordo com o banco de dados *Trans-Atlantic Slave Trade Database*², essa foi a terceira região que mais recebeu africanos escravizados no país. Desse quantitativo, a maioria é oriunda de nações bantus, localizadas entre Angola e Congo. Essa especificidade permite considerar a possibilidade de se discutir as características específicas desses grupos étnicos para o pensamento afro-assentado. Além disso, a escolha pelo estado é consequência de uma opção estratégica. Isto porque a proposta ora apresentada faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, sobre jornalismo negro, que visa promover o mapeamento de jornais nos demais estados do Nordeste e, eventualmente, no restante do território nacional.

Assim, o trabalho discute a seguinte hipótese: o jornalismo negro no Brasil pós-redemocratização conjuga elementos dos saberes afro-brasileiros com práticas de militância política que entendemos como “assentada”. Isto é, trata-se de um fazer jornalístico permeado por valores e códigos culturais oriundos de uma sociabilidade afro-diaspórica e brasileira. Nos jornais, isso pode ser verificado por registros como a organização editorial, as pautas, o léxico, e os símbolos da cultura negra.

O trabalho pretende pensar a forma de fazer comunicação e jornalismo através dos sistemas epistemológicos de matrizes africanas, entre 1988 até 1994. O período escolhido visa privilegiar um espectro temporal que entendemos ter um caráter formativo não apenas para o movimento negro em sua forma mais atual, mas também para o jornalismo brasileiro no período pós-redemocratização. Ou seja, trata-se de uma amostra que nos permite lançar luz sobre uma espécie de jornalismo experimental dentro de um contexto radicalmente produtivo às margens da imprensa hegemônica do país.

Para tanto, o corpus de análise contempla os jornais negros do estado de Pernambuco do final do século XX - *Angola, Djumbay, Negração e Negritude*. Em comum, os jornais apresentam vínculos comunitários e pautas ligadas à memória, luta política e tradições afro-diaspóricas. Conforme detalharemos no segundo tópico, os jornais também apresentam contribuições para uma forma de pensamento no jornalismo mobilizada por vínculos com comunidades afro-brasileiras.

² Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/voyage/database>

Com isto em mente, o trabalho se divide em três seções. A primeira dedica-se a apresentar a noção de jornalismo aquilombado-assentado à luz das proposições teóricas de Abdias do Nascimento (1978), Leda Martins (2005;2017), Luiz Rufino (2017) e Muniz Sodré (2017). Em seguida, discutimos a abordagem metodológica do trabalho, considerando a relação entre os espaços de sociabilidade negra como terreiros, afoxés, associações políticas, e sua influência na produção de um saber jornalístico.

A segunda etapa do trabalho aciona as noções de encruzilhada (Martins, 2005, 2017; Rufino, 2017). A partir desses pressupostos propomos um debate sobre espaços de sociabilidade negra. O terceiro e último gesto visa contextualizar os quatro jornais a fim de responder à seguintes perguntas: o que é, então, esse jornalismo que chamamos de jornalismo negro assentado-aquilombado? Como se configuram esses jornais em relação à comunidade negra e, internamente, em suas estruturas editoriais, pautas, e incorporação da herança africana?

Ao fim da pesquisa, argumentamos por um modo de fazer jornalismo afro-centrado, aqui denominado jornalismo negro aquilombado. Essa categoria contrasta com noções já estabelecidas como “imprensa negra” por abarcar não apenas o marcador étnico-racial, mas contemplar a relação entre territorialidade, ritualidades, afetos e cultura afro-diaspórica que se manifestam nas organizações dos jornais e nas tessituras de suas edições. Além disso, ao nos referirmos acerca do “jornalismo” e não da “imprensa negra”, realçamos a dimensão epistêmica desse modo específico de fazer jornalístico.

1. JORNALISMO ASSENTADO-AQUILOMBADO

Apesar da história dos negros no Brasil ter sido resumida, na bibliografia tradicional, à crônica do sistema escravagista, como alerta Beatriz Nascimento (2021, p.83), os povos africanos que chegaram no país, a partir do tráfico negreiro, tinham e têm suas próprias formações de conhecimento, línguas e culturas. Muniz Sodré, retrata em “Pensar Nagô” toda uma filosofia e formas de pensar dessas etnias africanas. Para Sodré,

O pensamento nagô - um construto teórico que se estende a outras formações étnicas presentes na diáspora escrava no Brasil - mantém a particularidade de ter aqui reinterpretado um milenar patrimônio simbólico africano, dando lugar a instituições e formas de agir originais (2017, p.21).

São recriações singulares feitas pelos negros no país: o Candomblé, a Capoeira, o Samba e, também uma das originalidades é o modo que os afrodescendentes edificaram suas formas de fazer jornalismo, como por exemplo, o próprio jornalismo tratado aqui.

Apesar de Sodré situar o pensamento como Nagô, é possível reconhecer nele diversas nações africanas, como os povos Jejes, Yorubás, Bantus, entre outras. Em suas palavras, “a insistência na denominação ‘nagô’ - mas também ‘jeje-nagô’ - conota, para nós, a pouca familiaridade brasileira com a diversidade étnica dos escravos” (Sodré, 2017, p.89). Compreender essa diversidade étnica é importante para entender quais são os povos que vieram para o Brasil, suas vivências, estruturas, a fim de evitar a homogeneização do continente africano em uma só cultura.

Os povos nagôs também marcam o início do Jornalismo Negro no país, no período em que era proibido a circulação de impressos na colônia brasileira. Foi em 1798, durante a Revolta dos Búzios, em que foram espalhados 12 boletins³ pela cidade de Salvador em busca da emancipação de Portugal e abolição da escravatura. Entretanto, na História do Jornalismo hegemônico, o marco inicial da imprensa no Brasil ocorreu com a chegada da Coroa Portuguesa, em 1808. O caso ilustra como o jornalismo no país foi constituído por vários povos, sendo apenas um reconhecido na narrativa dada como oficial.

O jornalismo que aqui será tratado possui diferenciais, não apenas por ser feito por pessoas negras, como também por ser construído a partir de matrizes culturais afro-brasileiras. Na história deste jornalismo negro do Brasil, esse movimento de escrever sobre samba, candomblé, afoxé e outras culturas de origem afro, foi desenvolvido pelo jornal “*Quilombo*” de 1948 e se fortaleceu décadas depois com diversos jornais negros de Pernambuco, que produziram um novo modo de fazer jornalismo, que é um jornalismo assentado-aquilombado. Esse jornalismo valoriza, e é assentado, na cultura afro-brasileira, como parte da África no Brasil. Ele atua na discussão de questões além do racismo e da escravidão, pois está preocupado em enfatizar as práticas e conhecimentos da diáspora africana no país.

Em comum, os jornais analisados compartilham princípios de um pensamento que tem nas tradições e filosofias africanas uma referência originária. Nesse sentido, seria possível

³ Os boletins estão disponíveis em: <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/arquivos/File/buzios/index.html#>.

reivindicar uma espécie de Arkhé Nagô, nos termos propostos por Sodré (2017). Ao explicar a noção de Arkhé, o autor irá destacar que se trata de "um termo grego a ser por nós acentuado tanto no sentido de 'origem' como no sentido (aristotélico) de 'princípio material' das coisas" (2017,p.89). Além desse ponto de partida, o vínculo com a África é uma referência "material" que se localiza nas práticas de culto, festividades e sociabilidades afro- diaspórica no Brasil. Mais especificamente, ao reivindicarmos um jornalismo "assentado", nos referimos precisamente a essa capacidade de uma prática jornalística materialmente vinculada a esse princípio criativo afro-assentado.

Seguindo esse raciocínio, observamos que, no Candomblé, a noção de assentamento refere-se ao princípio do orixá/nkisi/vodun e ele ali é cuidado. No Brasil e em alguns países América, muitos africanos trouxeram assentamentos dos deuses que tinham em suas nações e/ou os recriaram com características semelhantes. Desse modo, o assentamento significa a continuidade de uma cultura e de um modo de vida. Assim, entendemos que essa forma de produzir jornalismo atua em dois eixos: por um lado, na preservação e perpetuação das culturas africanas nos jornais e, de outro, na articulação de novas formas culturais.

Sodré (2017, p.89) ainda explica que o conceito de assentamento não é apenas sobre uma crença religiosa, mas um sistema filosófico. O assentamento é fundamental para a reestruturação dos povos afrodescendentes após a escravidão, uma vez a retomada das origens africanas é um ponto de partida fundamental para o desenvolvimento das práticas culturais africanas na diáspora. Assim, uma prática conjunta desses jornais é essa capacidade de voltar, de assentar o que é do povo afrodescendente. Essa concepção de assentamento condiz com o que Abdias Nascimento (1985, p.2) explica sobre a importância da reconstrução da memória dos negros brasileiros vinculada a sua ancestralidade africana.

Esse passado, em conjunto, se reflete no modo de pensar dessas nações, da organização e vivência em comunidade, em seu *Egbé*. No Brasil, essa dinâmica foi reestruturada pelos povos Bantus com a criação dos quilombos, e pelas nações jêje-nagô com os terreiros de candomblé, que em seguida foram fundados por diversas etnias africanas. Para Abdias Nascimento, o Candomblé constitui "a fonte e a principal trincheira da resistência cultural do africano, e o ventre gerador da arte afro-brasileira" (1978, p.102). São essas resistências grupais afro-brasileiras que irão servir de fundamento para constituição dessa forma de fazer jornalismo.

2. TERREIROS, AFOXÉS, QUILOMBOS: O PENSAMENTO AFRO-BRASILEIRO NO JORNALISMO E O JORNALISMO DO MOVIMENTO NEGRO

Historicamente, o jornalismo exerceu um papel central na formulação de imaginários e identidades nacionais, em particular nos Estados Nação Modernos (Anderson,[1983] 2008). Por outro lado, como se sabe, o processo de formulação de identidades nacionais pressupõe também exclusões e apagamentos. No contexto brasileiro, por exemplo, esse processo é especialmente evidente quando se trata das culturas afro-diaspóricas e indígenas.

No âmbito do pensamento negro, tais questões foram discutidas por autores como Sueli Carneiro (2005), Abdias do Nascimento (1985), Muniz Sodré (2017) entre outros. Nascimento, por exemplo, alerta para o fato de que, após a abolição formal da escravatura, as elites brasileiras atuaram no sentido de suprimir esforços da população negra no sentido de "assumir" seus laços com a cultura africana. Nos termos do autor, esse processo teria como consequência a secção do povo negro de "seu tronco familiar africano" (Nascimento, 1985, p.1). Assim, argumentamos que o jornalismo negro, em suas vertentes quilombadas, cumpre o papel de materializar os frutos dessa herança africana no modo de fazer jornalismo. Por jornalismo assentado-aquilombado nos referimos precisamente ao jornalismo que se desenvolve e se articula no interior de práticas sociais, políticas e afetivas dos movimentos negros.

Seguindo Nascimento, pensamos o quilombismo como um “modelo”, uma “ideia força, energia que inspira estruturas de organização desde o século XV” (1985, p. 25). Logo, o quilombismo pode ser entendido como um dispositivo organizador de práticas de resistência, organização e articulação da população negra no país. Mais que isto, o quilombismo seria um modelo de estrutura baseada na herança cultural africana e nas práticas coletivistas e de resistência política desenvolvidas pela luta pela liberdade no Brasil.

Em consonância com esse raciocínio, Sodré (2017) chama atenção para os espaços de associação de descendentes da diáspora africana no Brasil. Segundo Sodré,

Impregnada por uma *atmosfera afetiva estruturante*, a memória incide principalmente sobre um modo de ser e de *pensar o afeto pela territorialização* que, no caso dos nagôs, dá margem aos vínculos comunitários particulares; é o egbé ou comunidade litúrgica, ou seja, um local que contrai, por *metáfora espacial*, o *solo mítico da origem* e o faz equivaler-se a uma parte do território histórico da diáspora, intensificando ritualmente as crenças e o pensamento próprios (2017, p.92, grifos nossos).

A partir do excerto é possível verificar a importância estratégica dos espaços gregários, especialmente as comunidades litúrgicas, como é o caso dos terreiros. Isto porque, a partir de uma lógica do ritual, esses espaços permitem uma espécie de fusão entre a África, enquanto território simbólico (“solo mítico da origem”), herança material e a presença local, manifestada pela população na diáspora em seu território material. De tal modo, é possível reconhecer também que, nesse contexto, a África se manifesta como elemento constitutivo do quilombo enquanto espacialidade. Ainda acompanhando Sodré, esse processo seria parcialmente decorrente dos vínculos afetivos e ritualidades que têm no continente uma fonte que alimenta as práticas e pensamentos que irão se desenvolver e ganhar novas roupagens em cada comunidade.

Nesse sentido, uma instituição não seria observada como entidade fixa no tempo e espaço, mas antes como um organismo vivo, mobilizado pelas constantes interações com o ambiente. No contexto do jornalismo assentado-aquilombado, trata-se de pensar os jornais analisados como entidades ligadas a uma tessitura mais ampla, em que se situam as diversas expressões de cultura e sociabilidade afro-brasileira. Não por acaso, os jornais em questão emergem de forma próxima no tempo e espaço motivados por ao menos duas razões fundamentais: 1. o processo de redemocratização do país, que proporcionou maior liberdade de expressão e de imprensa e 2. concomitantemente a esse movimento, o processo de redemocratização coincidiu com um esforço histórico do movimento negro e o fortalecimento de suas instituições culturais. Nesse sentido, não seria possível pensar o jornalismo negro fora de um contexto de revalorização dos maracatus, afoxés, templos, e demais espaços de congregação da diáspora africana no Brasil.

Com isto posto, é relevante observar que o jornalismo negro não é apenas uma veiculação jornalística de pautas de cada movimento/grupo. Esse jornalismo atua em um duplo vetor: por um lado, articula reivindicações, opiniões e questões das instituições e comunidades às quais está vinculado; por outro lado, esse jornalismo também reforça o pertencimento a um território simbólico comum, isto é, a diáspora africana no Brasil. Nesse sentido, trata-se de um modo de produção de pensamento territorializado e territorializante. Dito de outro modo: ao produzir enunciados sobre a experiência de pessoas negras a partir de uma vivência comunitária, esses jornais constituem também uma discursividade própria, que reconhecemos como jornalismo negro assentado-aquilombado.

Assim, consideramos que esse jornalismo no Brasil se constitui a partir de associações entre entidades fundamentais para a preservação e difusão da cultura afro-diaspórica no país. De forma mais específica, reconhecemos ao menos dois eixos chave na constituição da rede formadora dos jornais em questão: por um lado, os espaços de sociabilidade afro-brasileira (terreiros, afoxés, associações políticas) e os atores institucionais (lideranças políticas, religiosas e formadores de opinião).

A fim de compreender essas redes de relações culturais, afetivas e políticas, nos apoiamos também no conceito de encruzilhada, especialmente nos termos propostos por Leda Martins (2005; 2017) e Luiz Rufino (2017).

A encruzilhada, em Martins, aparece como um operador conceitual, ou para além disso, uma espécie de heurística, que permite pensar as relações de troca, fluxos, filiação e assimilação na cultura africana no Brasil. Mais que isso, a encruzilhada seria uma categoria própria de uma experiência social marcada pela diáspora e pela negação, mas também por novas formas de elaboração do pensamento e do conhecimento próprias da experiência afro-atlântica.

Continuando em direção a nossa proposição em torno de um “jornalismo assentado-aquilombado”, lembramos que Luiz Rufino, em seu livro “Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas”, destaca três elementos fundamentais que tecem a diáspora africana, são eles: “assentamento, terreiro e encruzilhada” (2017, p.142). Para Rufino, o assentamento seria um espaço de reconfiguração social e política na diáspora. Nesse espaço, o autor reconhece ainda a dimensão do sagrado, marcado pelas travessias e fluxos transatlânticos que encontraram nesses territórios, espaços de confluência, reconfiguração e síntese inacabada. De forma semelhante, o terreiro irá aparecer como um espaço de organização cultural desses territórios.

Concordando com o autor, propomos que o terreiro é o espaço paradigmático da cultura afro-diaspórica no Brasil. Isto porque, ao reunir as condições de reunião, culto e preservação da memória da diáspora africana no Brasil, o terreiro passa a ser uma instituição articuladora da gramática que organiza essa mesma experiência. Nesse sentido, os terreiros se apresentam como espaços de organização do horizonte político da população negra no Brasil.

Diante disto, e retomando Sodré (2017), entendemos que esse jornalismo assentado ecoa os vínculos éticos e afetivos decorrentes de uma relação não apenas com a África, mas com a diáspora africana como dispositivo de organização política e de saberes. Não por acaso,

ao definir o quilombismo enquanto prática política, Abdias do Nascimento (1985) destaca da solidariedade pan-africana enquanto eixo da ação política do movimento negro.

É a partir dessas premissas que discutimos aqui o jornalismo assentado-aquilombado. Desejamos apontar para um jornalismo vinculado política e afetivamente a territórios negros e a pautas da cultura afrodiáspórica. Trata-se também de um jornalismo que tem na encruzilhada seu princípio orientador, como sugere Verônica Lima (2022;2023). Nesse sentido, o aquilombamento extrapola as edições dos jornais. Na análise, nos interessa pensar como instituições organicamente inseridas no movimento negro, em seu sentido amplo, produzem jornalismo orientado pelos valores e práticas da cultura negra no Brasil.

O exercício deste trabalho, portanto, visa identificar casos empíricos em que se articulam duas dimensões fundamentais para a difusão, preservação e desenvolvimento da cultura africana no Brasil, a saber: dimensão epistêmica, sistemas de pensamento, línguas e símbolos de origem africana; e a dimensão social e afetiva, desdobramento do primeiro ponto, diz respeito aos vínculos sociais e modos de vida. Esse ponto pode ser ilustrado pela relação com os territórios e festividades, por exemplo; por fim, a ação política direta. É, então, a esses elementos que remete o jornalismo que desejamos discutir neste texto.

Conforme o exposto, entendemos que o jornalismo assentado-aquilombado é aquele que apresenta ressonância com as práticas políticas e sociais da tradição política africana no Brasil. De forma mais específica, é possível reconhecer nesses grupos de jornais algumas características específicas, a saber:

- a) Vínculo com territórios culturais e afetivos do povo negro no Brasil (terreiros, sambaxés, afoxés etc).
- b) Uma orientação política voltada na luta pela emancipação do povo negro no Brasil e na reivindicação pela igualdade étnico-racial.
- c) Práticas de preservação/resgate da memória da diáspora Africana no Brasil através de seus rituais, símbolos e tradições.

Como sugere a listagem acima, os três eixos propostos estão imbricados e se influenciam mutuamente. Esta, aliás, é uma característica fundamental para a noção de quilombo e seu desdobramento conceitual neste texto. Ou seja, não é possível desvincular as práticas rituais africanas no Brasil de seus territórios. Igualmente, não é possível desassociar os espaços de resistência dos espaços dedicados à festa e celebração, como sugere o próprio



Abdias ao reconhecer as escolas de samba como quilombos. Assim, os afoxés, terreiros, escolas de capoeira, são territorialidades que compartilham os mesmos princípios de solidariedade política e preservação do pensamento afro-diaspórico no país.

3. O jornalismo negro assentado-aquilombado em Pernambuco no pós-democratização

Os arquivos dos jornais aqui utilizados fazem parte do projeto Negritos⁴, que atua na digitalização dos jornais do movimento negro do Nordeste. Para a análise, foram selecionadas edições de quatro jornais produzidos por iniciativas do Movimento Negro no estado de Pernambuco no período pós-democratização. O objetivo desta etapa do trabalho é apresentar um panorama do conteúdo dos jornais com especial atenção aos elementos que caracterizam seus vínculos com o movimento negro e a cultura da diáspora africana.

Nesse sentido, vale destacar que esses jornais possuem um duplo vínculo. Por um lado, se articulam com reivindicações mais amplas do povo negro no Brasil. De outro, há nos periódicos uma preocupação com questões locais. Esse segundo ponto pode ser observado tanto nos informes sobre festividades e atrações culturais, quanto no vínculo entre os jornais e outras entidades como afoxés e terreiros. Embora possa parecer uma questão menor, em se tratando de um tipo de jornalismo de caráter comunitário, vale pontuar que neste caso estamos abordando um movimento de alcance global, a saber: a aliança política entre os povos negros da África e da diáspora africana. No plano local, essa disputa se articula assumindo a multiplicidade das expressões étnico-culturais dessa mesma diáspora no país.

- **Jornal *Angola***

O *Angola* “Nosso jornal de Umbanda e Candomblé”, fundado em Recife, em maio de 1981, produzido pelo Centro de Cultura Afro-brasileira (CCAB), identificado como o primeiro veículo do jornalismo negro pernambucano no século XX. Nele, foram analisadas 4 edições, de 1989, de acordo com o recorte temporal do artigo. O jornal conta com as seções: Editorial; *Adarrum* (Toque de atabaques), que é um calendário das celebrações das religiões de matrizes africanas de Recife; Movimento, com notícias sobre a comunidade negra de Pernambuco; além disso, conta com as seções especiais: Edição 4 - Exu e surgimento da Umbanda no Brasil; Edição 5 - nação Xambá, Ogum e Caboclo; Edição 6 - Orixá Xangô; Edição 7 - Orixá Oxum.

O *Angola* tem por objetivo ser um veículo de informação das comunidades de terreiro de Pernambuco, nitidamente o jornal possui o intuito de exercer um letramento sobre as

⁴ Disponível em: <https://negritos.com.br/>

religiões de matrizes africanas e contribuir para o debate racial, já que em todas as edições há explicações sobre: Candomblé, Orixás, histórias de nações e da comunidade negra em geral.

Também são marcas comuns dos jornais aquilombados, a resistência e o desabafo sobre a dificuldade de promover cultura negra no Brasil, bem como a falta de cooperação das instituições governamentais. O *Angola* ainda escreve também sobre a complexidade da população afrodescendente organizar-se politicamente devido ao seu passado, porém acredita que apesar de todos os empecilhos é preciso estruturar-se em torno de uma causa comum, “qual é a nossa causa comum? É provar, principalmente para nós mesmos, que Orixá é coisa séria” (Angola, 1989, n.7,p.1).

- **Jornal *Negritude***

Jornal do Movimento Negro Unificado (MNU) de Pernambuco, com organização na cidade de Recife, circulou de 1986 até 2002. No período de tempo selecionado no artigo, entre 1988 a 1994, foram encontradas cinco edições, sendo uma especial de carnaval. É um jornal de uma entidade político-racial, que foi fundada no Brasil em 1978 e em Pernambuco em 1982. O *Negritude* é caracterizado por ter uma visão afro-centrada, com destaque para matérias sobre o povo negro de Pernambuco, do Brasil e dos países africanos.

Toda edição possui um editorial que aborda o momento corrente vivenciado pela comunidade afrodescendente. Outras seções frequentes são: Histórias do nosso povo - que relata a memória de narrativas de denúncia ao racismo, como, Revolta dos Búzios, da Chibata e Dia Internacional da Eliminação da Discriminação Racial; Indicação de livros - que aborda textos que estimulam o debate racial; Poesia e Literatos negros e Espaço Azeviche - que é um calendário que divulga eventos da comunidade negra de Pernambuco, inclusive festas em terreiros.

É partilhado nesses jornais o questionamento acerca da data da abolição da escravidão em 13 de maio, em favor da criação do feriado do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, em homenagem à Zumbi dos Palmares, a fim de reconstruir essa narrativa e prevalecer o protagonismo do negro na conquista por liberdade no país. As homenagens aos heróis negros da diáspora africana e, principalmente, do Brasil, é mais um aspecto em comum dos jornais aquilombados. Essa visão de homenagear pessoas negras dentro das páginas dos jornais, começou no século XIX, em 1876, com o jornal negro “O Homem: Realidade Constitucional

ou Dissolução social”, sendo também um veículo que funcionava em Pernambuco. Outra marca coletiva nesses jornais é a finalização dos textos com a palavra “axé”, mesmo o *Negritude* sendo de um movimento político, essa demarcação da espiritualidade afro-brasileira está presente nos escritos.

Na edição, nº 8, p.4, de novembro/dezembro de 1994, relata na capa o 20 de novembro e a luta pelo reconhecimento das terras dos remanescentes de Quilombo. Neste artigo, tecem críticas relacionadas aos 6 anos da lei de reconhecimento das terras quilombolas na constituição, em que nenhum quilombo foi beneficiado, desse modo, reafirmam que a importância do dia da consciência negra é fortalecer as comunidades quilombolas. Essa percepção é uma marca do jornalismo negro assentado-aquilombado, que se aproxima das resistências dos povos afrodescendentes. Ou seja, além meramente retratar o negro nos jornais, esse jornalismo parte de um vínculo com os territórios negros que se evidencia nos conteúdos e nos modos de produção jornalística.

- **Jornal *NegrAção***

Fundado pelo grupo “Afoxé Alafin Oyó”, em novembro de 1988 e circulou até 1991, na cidade de Olinda, em Pernambuco. O *NegrAção* tem uma particularidade na produção em relação aos outros, pela escrita e organização serem realizadas por mulheres negras do Movimento Negro pernambucano. O jornal é composto por oito páginas, com um total de 4 edições encontradas. Com caráter reivindicatório, as matérias denunciam a situação da população negra no Brasil, em países africanos e na diáspora.

As seções encontradas do jornal, são: Editorial; Mural Piche - informes e calendário de ações do Movimento Negro no país; Memória; Poesias e Divulgações de ações do Afoxé Alafin Oyó. Na capa da primeira edição, o nome do jornal “NegrAção” está ao lado de um martelo, conhecido na comunidade de matriz africana, como o Martelo de Sàngó, em homenagem ao patrono do Afoxé.

A matéria especial da primeira edição, “Renasce Zumbi”, conta a história do Quilombo de Palmares, assunto em comum discutido nesses jornais. Ao renascer essas memórias, os jornais reivindicam seus papéis de continuadores de um quilombo. Portanto, ao ressurgir essa prática de união e luta negra, o jornal assume uma prática quilombola, a historiadora Beatriz

Nascimento, ao explicar o significado que o quilombo exerce para os negros no país, afirma que o “quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento de africano e seus descendentes e esperança para uma melhor sociedade” (2018, p.292).

No editorial da edição nº2, de fevereiro/março, de 1989, a matéria “Imprensa Negra: Instrumento de Luta” aborda a necessidade da comunidade negra ter sua própria fonte de informação, visto que os jornais tradicionais abafam as reivindicações dessa população. No próximo editorial de fevereiro/março de 1990, o jornal retorna e toca em assunto semelhante sobre a importância dos “herdeiros de zumbi” participarem e colaborarem com os instrumentos de luta dos afro-brasileiros. É ano de eleições no país e há uma dedicação comum nesses jornais em discutir política dentro da comunidade negra, a fim de construir uma unidade e lutar por suas próprias questões. A temática afro-religiosa também ganha força mais uma vez no jornal, com matérias sobre o significado de Xangô Alafin na Nigéria e acerca da religião dos Yorubás. Assim, em conexão com seu tronco/solo africano de origem.

- **Jornal *Djumbay***

O *Djumbay* - “Informativo da comunidade negra” foi fundado em Recife, em 1991 e permaneceu até 1997, criado pelo Projeto Sambaxé e, posteriormente, mantido pela Organização pelo Desenvolvimento da Arte e Cultura Negra. Do período selecionado foram identificadas 15 edições. Com o maior número de edições entre os demais jornais analisados, o *Djumbay* é marcado por matérias sobre as culturas afro-brasileiras, organizações do movimento negro, memória, literatura negra, conexão com grupos afro-brasileiros. As seções do jornal são nomeadas a partir de palavras de origem africana, do tronco linguístico yorubá, por exemplo, Imoran, ìmo (editorial), Iránti (memória) e Ènia Dúdu (fala negritude).

Segundo o próprio editorial da 1ª edição de março de 1991, trata-se do “primeiro informativo negro de Recife com nome negro”. A palavra “*Djumbay*” significa acontecimentos, sua origem remete a língua Balanta de Guiné Bissau, país da costa da África. No editorial, o jornal fala sobre a importância de reverenciar as raízes ancestrais africanas também através das palavras, e relaciona com a espiritualidade de matriz afro, “todos os orixá, voduncis e inkices” (*Djumbay*, 1991, n.1, p.2), desse modo, a fim de justificar a necessidade de adotar nomes que reescrevam a memória afro.

Com a matéria de capa “Desunião marca o carnaval”, o texto critica a desunião dos blocos afro tradicionais do carnaval de Olinda, como também o desrespeito a tradição de “quando os afoxés se encontram devem se cumprimentar em reverência ao seu orixá patrono” (Djumbay, 1991, n.1,p.1). Na seção memória, aborda a data 21 de março, “Dia internacional da luta contra discriminação racial”, o texto faz uma reflexão sobre o massacre de *shaperville* na África do Sul e relaciona com a violência que acontece nos morros e favelas do Brasil. Matérias sobre essa data são comuns nesses jornais, mais uma vez realizando uma conexão com os povos afro-diaspóricos, a fim de evidenciar que o racismo é uma realidade dos africanos e afro-descendentes.

Por fim, em todas as 15 edições analisadas, o *Djumbay* mostra seu comprometimento com a cultura negra em Pernambuco e em todo país, com matérias que vão desde Pernambuco a outros estados como: Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo etc. Também é possível observar destaques para as Organizações do Movimento Negro e para outros jornais negros de Pernambuco, além disso, há reivindicações e denúncias do racismo em países da África e diáspora.

Considerações Finais

As culturas negras no Brasil se caracterizam pela resistência em manter e reinterpretar suas raízes africanas. Essas origens têm como princípio uma estrutura comunitária, que remete aos coletivos, associações e diversos modos que o negro se organizou no país. É nesse contexto em que evocamos a noção de quilombo, como modo de organização que orienta a articulação política, social e cultural dos povos negros no Brasil.

Ao longo da trajetória histórica desses povos, merece destaque o papel da comunicação, que tem em Èṣù uma figura central. Ao destacar a comunicação, e em particular o jornalismo neste trabalho, desejamos resgatar o modo de pensamento afro- assentado produzido no Brasil. Pensamento este que se expressa em uma ampla gama de expressões culturais e religiosas historicamente marginalizadas. Se, ainda que de forma insuficiente, as práticas dos povos afro-diaspóricos são reconhecidas em instâncias das práticas culturais, como a música, o carnaval, é fundamental que o pensamento negro, sobretudo no que possui de culturalmente específico, seja reconhecido e apreciado em suas produções para o campo do jornalismo. A proposição em



torno de um jornalismo assentado- aquilombado, portanto, busca apresentar um primeiro esforço de síntese, ainda que de caráter tentativo e preliminar, a respeito da produção jornalística brasileira organizada a partir de um vocabulário afro-diaspórico.

Com isto em mente, discutimos exemplos de organizações negras de Pernambuco ligadas a terreiros, afoxés, sambaxés e ao próprio movimento negro. Essas instituições encontraram no jornalismo um dispositivo capaz de articular pautas internas às respectivas organizações com questões ligadas à população negra do estado, Brasil, África e diáspora. Tais jornais além de informar, atuaram no sentido de compartilhar vivências, conhecimentos e fomentar a consciência racial.

Observados conjuntamente, cada um dos jornais reforça a tese de uma discursividade em comum, que tem no quilombo não apenas uma categoria abstrata mas uma prática que orienta o fazer jornalístico e a ação social. É reconhecendo as características estruturais e

ideológicas partilhadas pelos casos em questão que indicamos a noção de jornalismo negro assentado-aquilombado.

Por fim, reconhecemos que o presente estudo apresenta limitações no que diz respeito ao escopo do recorte. Em estudos futuros esperamos ampliar o recorte em termos temporais e espaciais, com o intuito de verificar a aplicabilidade desse conceito a um conjunto mais amplo de produções jornalísticas de povos negros no Brasil.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 305, [1983] 2008.
- ANGOLA, Nosso Jornal de Umbanda e Candomblé. **Projeto Negritos**. Recife, 1989. Disponível em: <https://negritos.com.br/2018/01/22/angola/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DJUMBAY. **Projeto Negritos**. Recife, 1991-1994. Disponível em: <https://negritos.com.br/2018/03/13/djumbay/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024.
- LIMA, Verônica Alves. **Desfazendo o carrego colonial**: aportes para uma reflexão decolonial do jornalismo. Anais do 31º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Maranhão, 2022. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7576745/mod_resource/content/1/galao-proceedings--compos-2022--%20%282%29.pdf . Acesso em jan. 2024.
- _____. **Abrindo caminhos e tempos**: encruzilhada como princípio para uma comunicação decolonizante. Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202313215364dcf7a192157.pdf. Acesso em jan. 2024.
- MARTINS, Leda. **A cena em Sombras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- _____. “Performances da oralitura: corpo, lugar da memória”. **Letras**, n. 26, 2003.
- NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: uma alternativa política afro-brasileira. In: **Afrodiásporas. Revista de Estudos do Mundo Negro**. Ano 3, n. 6 e 7, abr./dez. 1985.
- _____. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Editora Paz e Terra, 1978.
- NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento, **Quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. Filhos da África, 2018.

_____. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos.**

Organizador: Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NEGRAÇÃO. **Projeto Negritos**. Olinda, 1988-1991. Disponível em:

<https://negritos.com.br/2018/03/13/negracao/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024.

NEGRITUDE. **Projeto Negritos**. Olinda, 1988-1994. Disponível em:

<https://negritos.com.br/2018/03/13/negritude/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro-Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, A. K. DE L. Movimentos Negros em Pernambuco e a Imprensa Negra como Estratégia de Luta (1980-1990). **Revista Cantareira**, n. 27, 5 fev. 2019.

SODRE, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

The Trans-Atlantic Slave Trade Database. Disponível em:

<https://www.slavevoyages.org/voyage/database>. Acesso em: fev. 2024.